

MARIA LOURDES DOS SANTOS



**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O FAZER ARTÍSTICO DA CRIANÇA SURDA NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Belo Horizonte
2016

MARIA LOURDES DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O FAZER ARTÍSTICO DA CRIANÇA SURDA NO
CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título em Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Leticia Weiduschadt

BELO HORIZONTE
2016

Santos, Maria Lourdes dos.1970.

Educação inclusiva e o fazer artístico da criança surda no contexto escolar /
Maria Lourdes dos Santos – 2016 41 f.

Orientador (a): Letícia Weiduschadt

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes
Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. Weiduschadt, Leticia II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Educação inclusiva e o fazer artístico da criança surda no contexto escolar*, de autoria de Maria Lourdes do Santos, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Letícia Weiduschadt – EBA/UFMG

Amir Brito Cádor – EBA/UFMG

BELO HORIZONTE
2016

*Dedico este trabalho para os meus amigos que
contribuíram, de forma direta e indiretamente para que os
meus objetivos fossem alcançados.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por estar sempre comigo me ajudando nas minhas conquistas.

A minha família e de forma especial minha irmã Oretida Rosa, amiga e companheira na luta pela educação.

Aos professores e tutores, pelos seus ensinamentos durante esse período de formação, em especial a professora e orientadora Letícia Weiduschadt, pela dedicação na orientação durante a monografia.

A intérprete de LIBRAS Juliana Carolina de M. Carvalho, que possibilitou a minha comunicação com as crianças surdas.

A minha colega e amiga Cleunéia F. de Melo, pelas ideias e apoio no final dessa longa caminhada.

. . .

*“O homem cria não apenas porque quer, ou
porque gosta e sim porque precisa:*

Criar representa uma interação do viver, um
vivenciar-se no fazer”.

Fayga Ostrower

RESUMO

É muito importante que criança com deficiência auditiva esteja inserida dentro de um contexto de inclusão educacional, e que ela seja capaz de realizar práticas artísticas, expressar, criar e desenvolver o conhecimento em artes. A proposta dessa pesquisa apresenta a seguinte questão: Educação inclusiva e o fazer artístico da criança surda no contexto escolar. Este trabalho se justifica a partir da concepção de que Educação Inclusiva é uma forma de todos aprenderem e participarem juntos. O estudo tem o objetivo de estudar, compreender sobre a inclusão e a arte no contexto educacional. Através da prática docente, foi realizado um estudo de caso. Assim, a partir da contextualização da biografia de Cândido Portinari e de obras de arte que o artista retratou a sua infância, foram realizadas práticas artísticas em que as crianças vivenciaram experiências na área de artes visuais de maneira lúdica. Toda a realização do trabalho se deu pela mediação de uma intérprete de LIBRAS.

Palavras-chave: Inclusão Educacional, Arte no Contexto escolar, Criança surda.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – MENINO BRINCANDO	29
FIGURA 2 – MENINO COM PIPAS.....	29
FIGURA 3 – DESENHO DAS BRINCADEIRAS	32
FIGURA 4 – DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE	32
FIGURA 5 – REALIZAÇÃO DA TÉCNICA.....	33
FIGURA 6 – GRAVURA EM RELEVO	33
FIGURA 7 – O BARCO.....	33
FIGURA 8 - DESENHO ANIMADO.....	33
FIGURA 9 – A CÓPIA	33
FIGURA 10 - PROCESSO TRIDIMENSIONAL	36
FIGURA 11- ARTE TRIDIMENSIONAL	36

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	09
Introdução	11
1. Inclusão	13
1.1 – Inclusão Educacional	13
1.2 – A criança com deficiência auditiva	17
2. A Arte.....	20
2.1 – Arte no contexto escolar	21
2.2 – Formação do Professor.....	23
3. Eu, Professora de Arte	27
3.1 – Estudo de caso.....	28
3.2 – Do imaginário da infância de Cândido Portinari a infância dos alunos Com deficiência auditiva	28
3.3 – Do bidimensional para o tridimensional.....	34
Considerações Finais	37
REFERÊNCIAS.....	38
ANEXOS	39

Introdução

A arte sempre esteve presente nas manifestações culturais, desde o início da humanidade, desde então as pessoas demonstram seus pensamentos e ideias através da arte. O conhecimento em arte leva a novos caminhos, ampliando a forma de ver o mundo. Além de possibilitar o desenvolvimento do prazer e do fazer artístico, auxilia na expressão, muitas vezes sem palavras, mas com significados que permitem entender o pensamento do ser humano, ampliando a nossa forma de ver o mundo.

Sabemos que cada pessoa é única com características físicas e mentais, sensoriais, efetivas e cognitivas diferenciadas, por isso, a educação inclusiva permite que todas essas pessoas tenham direitos iguais, garantindo seu espaço no contexto escolar. Dessa forma, é possível o desenvolvimento da criança com deficiência a fim de ampliar o seu conhecimento em Arte e em outras disciplinas.

Pensando dessa forma e a partir de uma palestra que assisti sobre a “Arte, Deficiência, Educação”, com a pesquisadora Lucia Helena Reily, fui motivada a abordar o tema de Educação Inclusiva e do fazer artístico da criança surda no contexto escolar.

Esta pesquisa pretende mostrar e contextualizar o fazer artístico da criança surda na inclusão no contexto escolar e também procura investigar como - o conhecimento em Arte pode ser proporcionado para as crianças com deficiência auditiva através de fazeres artísticos com a contextualização de brincadeiras infantis, por meio de auxílio de intérprete de Libras. Além disso, será investigado a importância das Artes Visuais na Educação Inclusiva tendo como ponto de partida as teorias da autora Lucia Helena Reily, que abordam os meios de expressão e a mediação pedagógica e as propostas de trabalho que ajudam a perceber o melhor recurso para impulsionar a aprendizagem de seu aluno com deficiência.

Para estruturar a presente pesquisa foram utilizadas bibliografias sobre conceito de arte e inclusão educacional; já no segundo momento foi realizado um estudo de caso com aulas práticas de artes com as crianças em sala de aula.

No primeiro capítulo foi abordado o tema inclusão escolar e social, através da ideia que defende a autora Fátima Alves sobre a importância da inclusão e da soma de conhecimentos, independentemente da situação cognitiva e física da criança. Respeitando suas particularidades e trabalhando a igualdade para que os mesmos se sintam em um ambiente agradável e igualitário. Esta reflexão também foi ampliada a partir da Declaração de Salamanca e dos teóricos Tereza Egler Mantoan, Peter Mitter, Deigles Giacomelli, Zélia Miranda e Alessandra das Graças Braga Lima.

No segundo capítulo investiga-se uma contextualização da arte e sua importância, juntamente com uma reflexão sobre a formação do professor. Para fundamentar as abordagens do campo da arte foram abordados os pesquisadores Herbert Read, Ana Mae Barbosa, Maria Heloisa de Ferrazi e Maria de Resende e Furasi. Além disso, a construção do que seria o professor em relação ao aluno com deficiência auditiva foi ampliada segundo Anamelia Bueno Buoro, Rosa Iavelberg, Lúcia Reily e Rosângela Gavioli Prieto.

Por fim, no terceiro capítulo foi abordado a experiência vivenciada pela professora, elaborado através de um estudo de caso que aborda desde a contextualização do imaginário da Infância de Cândido Portinari, até o convívio e experiências vivenciadas pelos alunos com deficiência auditiva.

1- Inclusão

Inclusão é oferecer para aqueles que carecem de uma educação especial, condições para se desenvolver na sociedade de forma igual para todos. Além de ser um ato de compreender, envolver e acrescentar, é também a nossa condição de reconhecer o outro e, assim, ter o prazer de conviver e compartilhar com pessoas diferentes umas das outras.

Segundo autora Fátima Aves, uma pessoa pode ser incluída e inserida junta a outros indivíduos, com o propósito de aprimorar os seus conhecimentos. Mas é preciso querer desenvolver esse processo:

Para querer incluir, devemos respeitar e querer desenvolver o indivíduo em todos os aspectos dentro do processo de aprendizagem. (ALVES, 2007, p.15).

Sendo assim, é preciso ter respeito com o indivíduo de necessidade especial, promovendo a aprendizagem através das atividades específicas e também nas atividades transformadas e adaptadas.

Podemos permitir que uma pessoa seja incluída e que perceba suas particularidades, sem que a mesma se sinta angustiada ou inferiorizada.

1.1 Inclusão Educacional

A educação inclusiva é uma forma no contexto escolar que permite a todos os alunos aprenderem e participarem juntos, com direitos iguais. Pois é assim que está fundamentado na concepção de direitos humanos, que pensa na igualdade e diferença como valores. Desta forma, é necessário receber todos os alunos no sistema de ensino, sem excluir por causa da cor, da classe social, ou por causa dos problemas físicos e psicológicos.

Em 1994 em uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, política e prática em educação especial, a Declaração de Salamanca, apresentou os procedimentos-padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiência. Essa declaração orienta que a escola regular tem o

dever de se preparar para receber qualquer estudante, e oferecer condições para o desenvolvimento dos deficientes e de outras crianças com demandas específicas.

A Declaração de Salamanca é também considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam a inclusão social e demanda que os estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional. De acordo com o Ministério da Educação é preciso oferecer a oportunidade para todas as crianças desenvolver a aprendizagem de forma adequada, pois cada criança tem uma característica e necessidade diferente.

No entanto, inserir alunos com deficiência de toda ordem, no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação e receber todos os alunos, sem exceção, aceitando a sua deficiência.

A inclusão como consequência de um ensino de qualidade para todos os alunos provoca e exige da escola brasileira novos posicionamentos. Segundo a autora Maria Tereza Eglér Mantoan, temos muitos desafios a enfrentar para atingir a educação como o direito de todos. As escolas brasileiras buscam soluções que respondam à questão do acesso dos alunos nas suas instituições educacionais.

Algumas escolas públicas e particulares já adotaram ações nesse sentido, ao proporem mudanças nas suas organizações pedagógicas, de modo a reconhecer e valorizar as diferenças, sem discriminar os alunos nem segregá-los. (MANTOAN, 2006, p.15).

Todos nós temos uma parcela de contribuição a oferecer, com o intuito de proporcionar um bom desenvolvimento na educação inclusiva. Mantoan ressalta que mesmo com os desafios, cresce a adesão de redes de ensino, de escolas, de professores e pais dedicados a inclusão de pessoas com deficiência. Essas novas experiências reveladas, a partir das inclusões, motivam questionamentos com relação aos objetivos a serem alcançados.

Um dos desafios encontrado na escola inclusiva é o desenvolvimento de uma pedagogia relacionada para o aluno para que ele seja capaz de aprender e desenvolver o seu processo cognitivo. Incluindo aqueles que têm uma dificuldade na aprendizagem. Por isso, as escolas têm que ser capazes de promover uma educação de qualidade a todos os alunos.

De acordo com a Declaração de Salamanca as escolas centradas na criança são a base de treino para uma sociedade baseada no povo, que respeita tanto as particularidades quanto a dignidade de todos os seres humanos. Uma mudança de perspectiva social é imperativa. Por um tempo demasiadamente longo, os problemas das pessoas com deficiências são compostos por uma sociedade que inabilita que tem prestado mais atenção aos impedimentos do que aos potenciais de tais pessoas. Sendo assim, é necessário um novo pensar para a educação especial ou inclusão educacional onde recrutem professores que possibilitem oferecer uma educação de qualidade para todos e que ofereça concretas possibilidades de ajuda e benefício para alunos com deficiência.

Mas segundo o professor e autor Peter Mitter, a inclusão não é apenas colocar as crianças nas escolas regulares, mas ajustá-las de acordo com as necessidades de todas as crianças; sobretudo ajudar os professores a aceitarem a responsabilidade e prepará-los para ensinarem essas crianças.

No campo da educação, a inclusão, envolve um processo de reforma e de reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola. Isso inclui o currículo corrente, a avaliação, os registros e os relatórios de aquisições acadêmicas dos alunos, as decisões que estão sendo tomadas sobre o agrupamento dos alunos nas escolas nas salas de aulas, a pedagogia e as práticas de sala de aulas, bem como as oportunidades de esporte, lazer e recreação (MITTER, 200, p. 25).

Dessa forma poderá garantir o acesso e a participação das crianças com as possibilidades de oportunidades oferecidas pela escola, beneficiando todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência ou dificuldade de aprendizagem. Outro autor que também defende essa ideia é o pesquisador Deigles Giacomelli Amaro. Ele comenta que a lógica inclusiva, é a valorização do aluno em suas particularidades e nas formas com que estabelecem as relações com o contexto em que está inserido.

O aluno pode demonstrar seu conhecimento e utilizar-se de recursos diferentes para sua construção. Um aluno que não fala e não sabe escrever, por exemplo, pode se comunicar através de expressões corporais, gestos, movimentos. Podemos avaliar como está se dando a construção do conhecimento deste aluno pelas várias formas como ele se relaciona com o que é vivenciado na escola e não só pelo produto final de suas atividades (AMARO, 2006, p.39)

Amaro ressalta que a avaliação do aluno no seu desenvolvimento e aprendizagem pode ser com base no progresso por ele apresentado com relação aos objetivos proposto na identificação de suas necessidades. Assim, acontece a valorização do que o aluno progrediu com base em suas possibilidades de desenvolvimentos e de aprendizagem. O que se deseja é o crescimento do aluno, e a sua aprendizagem, de maneira a considerar sua singularidade, não aquilo que é esperado para a maioria.

Então o autor argumenta que não se deve dizer que um aluno não aprende ou não tem condição de realizar algumas atividades, antes de avaliar as estratégias de ensino. Muitas vezes o professor julga que o aluno em momento algum poderá desenvolver as atividades sozinho. Ele acredita que a criança por causa da sua deficiência, seja incapaz de realizar determinadas habilidades e dessa forma depende constantemente da sua ajuda.

É muito importante o professor perceber que essa criança poderá realizar algumas atividades sozinha, o aluno não poderá depender do professor constantemente. Assim será difícil o aluno produzir e adquirir meios para aprender e cuidar de si próprio. Pois, é necessário “aluno adaptar-se a novas situações e, conseqüentemente, desenvolver autonomia, considerando suas limitações, mas, sobretudo, buscando-se no investimento em suas possibilidades de aprendizagem”. (AMARO, 2006, p.45).

A partir disso, o autor aponta a autonomia do aluno como um dos objetivos importantes para uma educação de qualidade. É necessário também que essa autonomia seja desenvolvida na educação inclusiva e deve se desenvolver nas relações entre os diversos sujeitos, como alunos, professores, pais, e todos que compõem o contexto educacional.

1.2 A criança com deficiência auditiva

Quando em uma família, chega uma criança com dificuldade de audição, para os pais é muito diferente, pois gerar essa criança é mais complicado e a aceitação é muito difícil, porque não é o esperado. Assim a estrutura poderá se romper, começando a comprometer totalmente a dinâmica da família.

A filha da autora Zélia Miranda nasceu com uma deficiência: surdez parcial, deficiência auditiva em ambos os ouvidos com uma perda de 70 db (Setenta decibéis), e não havia possibilidade de cirurgia, por ser neuro- sensorial. A autora, pedagoga e pesquisadora entendeu que sua filha não era totalmente surda, mas, mesmo assim, deveria ter muitos cuidados com ela, tal como ela afirma:

Assim começou o meu trabalho. Percebi o quanto eu seria importante em seu processo de vida, é um processo bem diferente! Educar um filho já não é uma tarefa fácil. E um filho especial, deve ser mais difícil ainda. (MIRANDA, 1984, p. 36).

Miranda buscou estudar pedagogia com o objetivo de ajudar no processo de aprendizagem de sua filha, e também para outras crianças com problema auditivo. Assim, conheceu as dificuldades que existem para essas crianças com dificuldades especiais.

A autora explica que a dificuldade no processo de envolvimento da criança deficiente auditiva é tão grande que muitas vezes, começa no meio familiar, não só pelos pais e irmãos, mas toda a família. Pois ela é confundida como deficiência mental. É necessário conscientizar a todos que ela é tão capaz como qualquer outra criança.

A criança percebe a tudo a seu redor; eu acredito mesmo que até mais do que uma criança normal. Pensamos, então, seu sofrimento, suas angustias, sem possibilidade de expressar essa percepção e se fazer entender. (MIRANDA, 1984, p. 53).

Sendo assim, ela usa todo seu recurso, e na maioria das vezes não é compreendida, pois as pessoas estão acostumadas a compreender por meios de palavras, mas esse recurso falta a criança surda.

A criança deficiente necessita de mais atenção, mas as pessoas, de um modo geral, estão muito ocupadas, então preferem deixar as crianças surdas viverem no mundo à

parte, porque exigem menos. Contudo devemos ter muito cuidado para isso não gerar um problema psicológico.

Sua participação no mundo normal é a mesma de uma criança sem problemas. Suas condições são talvez, até mais acentuadas, porque ela usa mais seus sentidos, e nós limitamo-nos geralmente, a ouvir e falar, porque não nos falta nada. Sua sensibilidade as vezes nos assusta, ao vermos com que rapidez se manifesta, e a facilidade que tem de expressar seus sentimentos. E como fica feliz ao descobrir coisas. E quanta imaginação! O que ela necessita e de oportunidade. (MIRANDA, 1984, p.69).

Sendo assim é dever de todo indivíduo auxiliar as pessoas com deficiência auditiva proporcionando estímulos, uma vez que sua linguagem se desenvolve de maneira diferente do que a pessoa ouvinte. A educação do deficiente auditivo é tão possível quanto para a de uma criança ouvinte. Com certeza exigem mais esforços e disponibilidade daqueles que estiverem interessados nos processos integral da criança em questão, para que se possa chegar bem próximo da normalidade.

Sabemos que todos nós nascemos com condições de aprender e responder a toda espécie de estímulos. Da mesma maneira também acontecem com os deficientes auditivos. Porque para eles faltam as principais vias de comunicação: a audição.

No entanto, isso só será possível com a ajuda de alguém, principalmente dos pais, que são os primeiros responsáveis pelo processo. Daí a necessidade de estimulá-los a todo momento possível, para que se possa chegar a bom termo (MIRANDA, 1984, p.70).

A audição é um dos principais meios de informação do homem, e é responsável pelo desenvolvimento da linguagem, sendo assim, a ausência de dados sensoriais inibe ou limita o indivíduo de um processo psicológico de integração da experiência e afeta o equilíbrio e a capacidade de seu desenvolvimento normal.

Quando um surdo é excluído da comunicação verbal por causa da sua deficiência auditiva, deixa de possuir formas de reflexão da realidade que se produzem graças a linguagem verbal. A linguagem apresenta-se como fator fundamental de formação de consciência.

De acordo com Alessandra das Graças Braga Lima, “a criança surda, mesmo não sendo exposta a nenhum tipo de linguagem sinalizada, desenvolve espontaneamente um sistema de gesticulação manual”. (LIMA, 2005, P.10). Porém esse tipo de

linguagem utilizada pode ser suficiente para resolver seus problemas cognitivos, mas é insuficiente para suprir muitas deficiências causadas pela ausência de um código-simbólico-verbal específico.

Logo, a fim de que o indivíduo surdo amplie seu potencial de conhecimento é importante que ele realize um duplo esforço: apropriar-se das duas línguas, tanto a oralizada (a portuguesa) quanto a sinalizada (LIBRAS), isto é, ela precisa fazer uso do bilinguismo, aprendido e uso tanto da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) quanto a língua Portuguesa. (LIMA, 2015, p. 11).

A proposta da criança apropriar se das duas línguas, faz com que ela tenha mais recursos para aprender. Mas pessoa surda até poderá vir a ter a modalidade oral do Português, mas não de forma natural e espontânea como ocorre com a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Ambas as autoras Braga e Miranda, ressaltam a importância da criança surda receber estímulos, pois os seus sentidos são mais acentuados. A criança surda precisa interagir com as crianças ouvintes, excluir a criança surda do convívio social dificulta a sua percepção, pois a linguagem verbal auxilia na formação da criança. Além disso, Braga acredita que a criança surda necessita desenvolver a linguagem sinalizada para auxiliar no processo cognitivo.

2. A Arte

A arte sempre esteve presente nas manifestações culturais, explicar o que é arte não é fácil, segundo o autor Herbert Read (2001) muitos pesquisadores e intelectuais já propuseram seus conceitos e respostas, em relação à arte, mas nenhum deles conseguiu satisfazer a todos.

Desde o início da humanidade, sempre existiram pessoas que demonstravam seus pensamentos e ideias através da arte. O conhecimento em arte leva a novos caminhos, amplia a forma de ver o mundo. Além de possibilitar o desenvolvimento do prazer e do fazer artístico. Mas, segundo a autora e pesquisadora Ana Mae Barbosa a arte é uma forma de vivenciar a realidade e o imaginário. A autora também defende a ideia de que a arte é um conhecimento muito importante na educação de um país para o seu desenvolvimento. Ela explica:

A arte é qualidade e exercita nossa habilidade de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras. E o limite de nossa consciência excede o limite das palavras. (BARBOSA, 2004, p. 4).

Sendo assim, o ser humano que estuda ou desenvolve uma atividade artística tem um conhecimento sobre a arte ainda que de forma inconsciente, a arte é um caminho que leva a expressar os sentimentos. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Artes Visuais são formas importantes de expressão e comunicação humana, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação e, mais especificamente na educação infantil.

Percebe-se que o próprio conceito da arte tem sido objeto de diferentes interpretações: arte como técnica, lazer, processo intuitivo, libertação, expressão, linguagem, comunicação. Mas as autoras Maria Heloisa de T. Ferraz e Maria de Resende e Fusari explicam que:

(...) a concepção de arte que pode auxiliar na função de uma proposta de ensino e aprendizagem artísticos, estético, e atende a essa modalidade conceitual, é a que aponta uma articulação do fazer, do representar e do exprimir. (FERRAZ e FUSARI, 2010, p. 20).

Desta forma, a arte é uma área de conhecimento, tão importante quando qualquer outra disciplina na formação do indivíduo, fora e dentro do contexto escolar. Além de ser uma disciplina obrigatória nas escolas, conforme a determinação da LDB 9394/96.

A arte é um conhecimento que poderá proporcionar para as pessoas meios de se expressar, muitas vezes sem usar as palavras, mas com significados que permitem entender o pensamento do ser humano, do imaginário a realidade e ampliando nossa forma de entender o mundo. Entende-se a importância desta área de conhecimento da mesma forma que ocorre com as outras disciplinas do contexto escolar.

2.1 Arte no contexto escolar

O desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários em diversas áreas de estudo pode ser promovido ao abordar a Arte no contexto escolar. A partir disso, as autoras Maria Heloisa de T Ferraz e Maria de Resende e Fusário (2010) ressaltam que na arte existem teorias que podem favorecer o desenvolvimento estético e crítico dos alunos nos seus processos de produção e apreciação artísticas. São teorias que trabalham o relacionamento junto com as práticas e o acesso ao conhecimento da arte. Esse relacionamento é o construir utilizando a prática do fazer artístico. Pois a aprendizagem acontece também no processo reflexão e criação.

No contexto da educação escolar, a disciplina Arte compõe o currículo compartilhando com as demais disciplinas num projeto de envolvimento individual e coletivo. O professor de arte, junto com os demais docente e através de um trabalho formativo e informativo, tem a possibilidade de contribuir para a preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem, saibam compreendê-lo e nele possam atuar (FERRAZ e FUSARI, 2010, p. 22).

Na educação escolar a arte contribui para o desenvolvimento do aluno, da mesma forma que as outras disciplinas, em projetos individuais, mas também em grupos. Esses projetos levarão o aluno a perceber e conhecer melhor o mundo, o lugar onde ele está inserido.

A disciplina de Arte é obrigatória nas escolas de acordo com a determinação da LDB – Lei 9394/96. Sendo assim, é importante que os educadores e responsáveis pela rede de ensino desenvolvam um trabalho para proporcionar um interesse maior a fim de que as crianças gostem de aprender arte. Entende-se que a arte promove o desenvolvimento de competência, de habilidade e conhecimento necessários em diversas áreas de estudo.

A arte é um patrimônio comum a ser apropriado por todos e faz-se necessário que haja adequações, flexibilizações e adaptações curriculares para o desenvolvimento de todas essas atividades com a criança surda.

No processo de construção do conhecimento, as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Dessa forma, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.

Ainda dentro desse contexto, o Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial pontua que o objetivo a ser desenvolvido com as crianças surdas é garantir oportunidades para que sejam capazes de expressar seus sentimentos, desenvolver suas ideias e que tenham autonomia. A partir disso, possam interagir com outras pessoas e se mostrem interessadas em adquirir conhecimento.

Não existem dificuldades para a criança surda em desenvolver atividades de artes visuais, pois a arte no contexto escola proporciona várias possibilidades para explorar o seu potencial. No entanto, a criatividade da criança deve ser estimulada pelo professor, de forma que a criança possa perceber, pensar, imaginar, sentir e expressar o mundo em que vive. Assim, o fazer artístico da criança deve ser visto como desenvolvimento de suas potencialidades criativas e como experiência de comunicação humana e de interação no grupo. A produção artística visual deve ser desenvolvida em espaços diversos por meio de desenho, pintura, colagem, gravura, escultura e outros, concretizando as próprias intenções, suas qualidades expressivas e construtivas. É importante estimular a criança surda para que ela possa aprender. Essa estimulação deverá acontecer de maneira mais lúdica, expressiva e com atividades bem contextualizadas e com muito estímulo visual.

2.2 Formações do Professor

Existe hoje uma preocupação com conteúdo de Arte em vários espaços e discutem-se as formações dos professores. Pois, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a arte é área de conhecimento, tão importante para a formação escolar e pessoal do aluno quanto as demais áreas. Sendo assim, é importante o espaço escolar e os professores construírem e apropriarem destes conhecimentos e desenvolverem produções significativas.

O professor é um dos responsáveis por proporcionar o conhecimento teórico e prático em arte, e também por ajudar no processo transformador do aluno.

Anamelia Bueno Buoro (2003, p.16) reforça essa ideia afirmando que “o educador é o condutor desse processo de aprendizagem.” Estudando continuamente, o educador pode preparar o conteúdo fundamental para a formação das crianças no conhecimento em arte. A autora acredita que o professor contribui com o seu conhecimento e de forma afetiva para o desenvolvimento da expressão e imaginação criadora da criança. Assim com o seu conhecimento em arte ela expressar seus desejos e sentimentos.

Segundo Rosa Iavelberg, o professor também tem um papel muito importante para que as crianças não só aprendam, mas também gostem de arte ao longo da sua vida.

Subentende-se que a mediação que o professor faz entre o aluno e a arte é muito importante a fim de que se desperte interesse, mediante a qualidade do Ensino em Arte. Cabe ao professor sensibilidade ao preparar as atividades, para proporcionar a curiosidade e o incentivo maior nas aulas. Ele deve perceber os avanços dos alunos sem fazer comparação com outro aluno, deve considerar que realmente existe obstáculo para aprender arte, mas que pode ser superado. Esses procedimentos podem gerar sentimento de autoestima contribuindo na aprendizagem. Conforme a autora descreve:

Aprender em arte implica desafios, pois a cultura e a subjetividade de cada aprendiz alimentam as produções, a marca individual e o aspecto constitutivo dos trabalhos. O aluno precisa sentir que as expectativas e as representações dos professores a seu respeito são positivas, ou seja, seu desenvolvimento em arte requer confiança e representações favoráveis sobre o contexto de aprendizagem. ” (IAVELBERG, 2003, p.11).

É importante que o professor explique para o aluno as atividades que estão sendo desenvolvidas e a sua importância. É necessário que o aluno saiba a finalidade e o conteúdo das tarefas. A autora enfatiza que o professor também deve gostar de arte, ser fascinado pelo que faz. Assim, terá entusiasmo para transmitir os seus conhecimentos em arte.

Neste sentido, de acordo com a autora Lucia Reily, os professores de arte em contato com os próprios alunos com deficiência, vão percebendo a necessidade de prover recursos ou “atenção especial para o atendimento das especificidades de cada aluno no campo da linguagem, mobilidade, acesso e produção artística.” (2010, p. 86). O professor diante da sua necessidade procura conhecimento de como ensinar os alunos com deficiência.

Aprender em arte implica desafios, assim o professor desde sua formação já começa a ter uma vivência com alunos e com a deficiência, nos estágios curriculares e tem a oportunidade de conhecer a realidade atual da diversidade nas aulas de arte. Sendo assim, os professores buscam conhecimentos para enfrentar os desafios que possivelmente irão encontrar. Por outro lado, a autora Reily comenta que cabe aos professores do curso trabalhar as bases teóricas e de pesquisa que auxiliam a estabelecer um diálogo mais sólido entre os campos da educação especial e o Ensino da Arte.

Sabendo que o conhecimento sobre o ensino de arte para todos os alunos está para ser construído, entendemos que é essencial que os cursos de licenciatura em Educação Artística ou em Artes Visuais se atualizem para contemplar a nova demanda da heterogeneidade nos espaços educativos formais e informais. (REILY, 2010, p.87).

No ponto de vista da autora a prática é uma característica da docência, a forma que o aluno realiza a produção plástica em sala de aula, mobilizam a reorganização metodológica do professor e auxilia no desenvolvimento do conhecimento. Sendo assim, a prática proporciona a realização da integração da teoria e do fazer.

Se o professor de arte não tiver um embasamento sobre a natureza das deficiências que os seus alunos apresentam e sobre os modos de promover a sua participação plena e o aprendizado dos conteúdos específicos da sua área, ele vai trazer para a sua prática o senso comum e, provavelmente, também os estereótipos sobre o deficiente que circulam na sociedade. (REILY, 2010, p.87).

Sobretudo é fundamental a formação para trabalhar com uma diversidade de alunos durante um curso de licenciatura ou em curso de formação continuada é um diferencial na prática docente.

No assunto formação de professores a autora Rosângela Gavioli Prieto também enfatiza a importância ter uma formação acadêmica e essa formação continuada de professor possa aprimorar o seu conhecimento de forma a conquistar novas ideias, novas propostas de ensino que alcance os objetivos dos alunos com deficiência na educação especial, como afirma a autora:

Assim os professores devem ser capazes de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades demandas nos seus processos de aprendizagem, bem como, com base pelo menos nessas duas referências, elaborar atividades, criar ou adaptar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seu planejamento e aprimorar o atendimento aos alunos. (PRIETO, 2006, p.58).

Para Prieto os professores deverão ser capazes de perceber através de um diagnóstico com os alunos, o grau de conhecimento e defasagem no decorrer de suas trajetórias escolares. E a partir deste ponto criar mecanismos adaptados à realidade dos mesmos. Os professores deverão ter conhecimento das leis e dos Planos Nacionais de Educação que regulamenta sobre educação e inclusão. Contudo, é fundamental que o professor tenha domínio do conteúdo teórico e prático, no desenvolvimento pedagógico de ensino, utilizando de formação continuada para um estudo que favoreça o crescimento dos discentes, não deixando que seja ao acaso, mas com objetivos imparciais, em busca de um conhecimento consistente.

Ainda é preciso conjugar os objetivos maiores para a educação naquele sistema de ensino ao que se pretende oferecer enquanto conteúdo nos programas de formação, visando a que as mudanças sejam referidas pelo conjunto de professores e acompanhada de sustentação teórico-prática, e não impostas a sua revelia. (PRIETO, 2006, p. 59).

Para que essas práticas se desenvolvam os professores tem que ter um discernimento, de seus argumentos e benefícios, tanto para os alunos com a escola e também para o sistema de ensino com relação ao seu desenvolvimento profissional. Quando o professor tem em sua sala de aula aluno surdo, encontra problema na comunicação, sendo que a forma de comunicação com a pessoa surda é visual. Ainda

existe certa resistência por parte dos professores em perceber as necessidades de adaptações pedagógicas para atender também as necessidades de alunos com essa deficiência que frequentam as salas de aula regulares. Para ajudar com essa resistência é fundamental entender os alunos surdos, perceber suas dificuldades e habilidades, conhecer sua cultura seu contexto social, sendo assim, promover atividades que ajudem nas necessidades de ouvintes e surdos em sala de aula.

O papel do professor em relação à criança surda é igual com as demais crianças ouvintes. Ele é mediador do conhecimento e responsável por promover uma comunicação para que a criança surda ou a criança ouvinte, seja capaz de aprender, interagir e se desenvolver dentro do contexto educacional.

3. EU, PROFESSORA DE ARTE

Sou Professora de Arte, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, em escola regular e leciono para alunos ouvintes. Mas já tive alunos surdos, juntos com alunos ouvintes na mesma sala. Essa experiência me levou a pensar no meu papel como professora: pois sou responsável por proporcionar o conhecimento em artes para meus alunos sem excluí-los. Na Educação Inclusiva temos que desenvolver a aprendizagem de maneira que beneficie a todos sem exceção. Mesmo sabendo que não é uma tarefa fácil, é nosso dever respeitar e aceitar as diferenças e o limite do outro.

Onde eu leciono, os alunos surdos são a minoria, por isso, minhas aulas são planejadas com o objetivo de alcançar os ouvintes, e como tem uma intérprete de LIBRAS nessas salas de aula, ela é encarregada de transmitir o conhecimento para os alunos com deficiência auditiva. Sabemos que eles precisam de uma atenção maior, porém os 50 minutos de aula não possibilitam uma maior interação do professor com o aluno surdo.

Segundo o Programa Nacional de Apoio a Educação de surdos, o intérprete de língua de sinais é definido, como sendo uma pessoa que interpreta uma língua de sinais para uma outra língua, ou de outra língua para a língua de sinais. Assim, em uma sala de aula o intérprete deve interpretar, transmitindo o conhecimento através da mediação entre os professores e alunos e entre os colegas surdos e os colegas ouvintes. Atenta-se que um dos meios que a intérprete utiliza para que aconteça a mediação com os surdos é a língua brasileira de sinais - LIBRAS.

A autora Reily acredita que é necessário acontecer uma preparação entre a educação especial e o Ensino de Arte para que o conhecimento alcance também os alunos com deficiência auditiva.

Pensando nessa preparação e que o conhecimento estético-visual acontece na realização do fazer, contextualizar, apreciar, e o criar preparei uma aula onde o objetivo era alcançar os alunos surdos, preocupando em incluí-los, para que eles sejam capazes de realizar práticas artísticas, na Educação Inclusiva dentro de um contexto escolar, respeitando as suas diferenças.

3.1 Estudos de caso

A aplicação de meu estudo de caso foi realizada na Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro. Escola de ensino Regular, mas que desenvolve um trabalho de interação educacional e tem uma turma formada só com deficientes auditivos. Para tanto, disponibiliza também de uma sala de Recursos Multifuncional (RMF), que é uma sala de apoio para atender os alunos com deficiência.

A escola é situada na Avenida Marechal Rondon, 251, localizada no Bairro Brasília em Betim/MG. Realizei meu projeto somente com alunos surdos na faixa etária de 6 a 8 anos, num total de 6 alunos em sala de aula. Todo o projeto foi realizado com a presença de uma intérprete de LIBRAS para a mediação entre o professor e o aluno.

3.2- Do imaginário da infância de Candido Portinari a infância dos alunos com deficiência auditiva

A importância que a criança com deficiência auditiva tem de estar inserida dentro de um contexto de Inclusão Educacional para que ela seja capaz de realizar práticas artísticas e desenvolver o conhecimento em arte, foi a minha motivação em planejar uma aula com o objetivo de alcançar as crianças surdas.

O tema brincadeiras de crianças foi abordado nas aulas com a contextualização das obras de arte do artista Candido Portinari, onde ele retrata a sua infância. O artista gostava muito de correr com outras crianças, brincar com bolinha de gude, balão, pião, pular carniça, uma infância simples, mas muito feliz.

O artista Portinari é filho de imigrantes italianos, nasceu em uma pequena cidade do interior de São Paulo, Brodowski. Desde criança gostava de pintar e desenhar. Sempre buscou estudar para aprimorar seu talento artístico, conheceu muitos países, estudou em grandes escolas, no Brasil e também no exterior. Participou de muitas exposições e, dessa forma, conquistou vários prêmios.

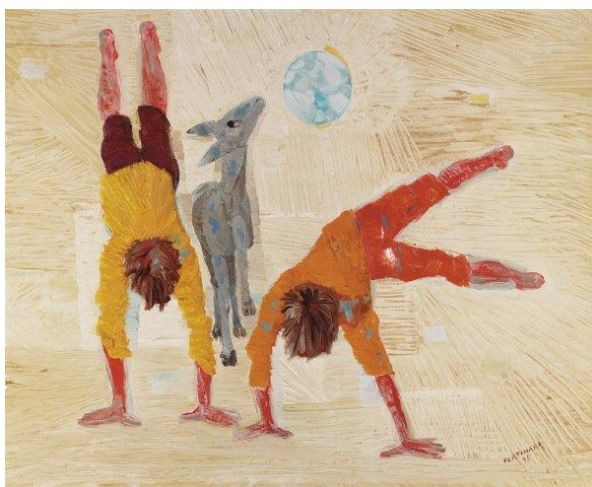
Candido Portinari retratou em suas obras de artes diversos temas, dentre eles sua infância, questões políticas e o povo brasileiro. A sua obra de arte “O Café” foi premiada na mostra internacional, promovida pelo Instituto Carnegie na cidade de

Nova York em 1935. O artista nasceu no dia 30 de dezembro de 1903 e faleceu dia 06 de fevereiro em 1962, vítima de uma intoxicação por causa das tintas que ele usava. Morreu ainda novo, com 59 anos, mas realizou milhares de obras e se destacou entre os grandes artistas americanos, o único artista brasileiro a participar da exposição 50 Anos de Arte Moderna, no Palais des Beaux Arts, em Bruxelas (Bélgica).

O artista foi um grande pintor brasileiro que despertou o interesse das crianças pelas suas obras, por causa das formas, cores, os temas de alegria e diversão representadas em suas telas, proporcionando a elas lembranças e vivências do mundo infantil e das brincadeiras de criança.

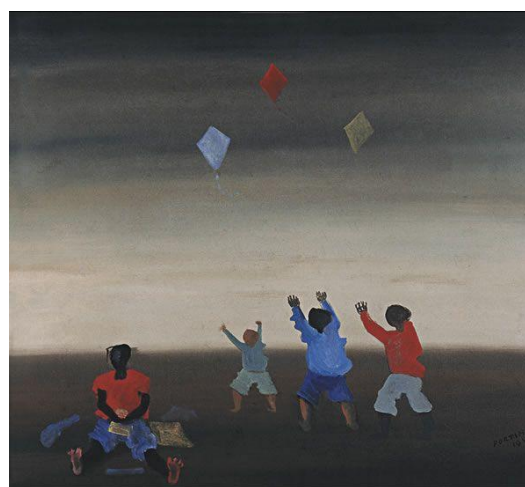
Para que as crianças tivessem uma aproximação com as obras do artista Candido Portinari, foi apresentado através de um livro de história infantil com uma linguagem simples e própria, com ajuda da intérprete, a contextualização da vida e obras do artista, de forma que as crianças adquirissem o conhecimento sobre o artista Portinari. Depois foi a apreciação de algumas imagens, para que as crianças surdas por meio das obras de arte, percebessem a infância dele retratada nas pinturas. As brincadeiras de criança. Era uma época diferente, onde as brincadeiras aconteciam na rua, com bola de meia, sem tecnologia e influências dos desenhos animados.

Figura 1- Meninos brincando, 1955



Autor: Cândido Portinari

Figura 2 – Meninos com Pipas, 1947



Autor: Candido Portinari

Através da contextualização, as crianças puderam contar suas brincadeiras preferidas, as que mais gostavam de brincar. Elas demonstraram interesses pelas obras, despertaram a curiosidade por causa das cores e dos temas divertidos.

Partindo desse pressuposto, de proporcionar para as crianças experiências, conhecimento na área de artes visuais, foi trabalhado no estudo de caso a gravura.

Mas o que é a gravura?

De um modo geral, gravura é a multiplicação de várias cópias de uma imagem que foi gravada/construída em uma matriz. Segundo o site “Casa de Cultura” as cópias são assinadas e numeradas uma a uma. As imagens reproduzidas dessa forma são únicas, pois cada uma tem assinatura do artista que é feita uma de cada vez.

Desde a confecção da matriz, até o resultado final da imagem impressa no papel, o artista está presente o tempo todo avaliando cada gravura, observando a cor até chegar a forma desejada pelo artista.

Existem outras técnicas de gravura como: a gravura em metal, a litografia, a xilogravura, o linóleo e a serigrafia. Porém não será abordado as descrições de todas essas modalidades de gravura, pois não é o propósito deste capítulo.

No trabalho de campo foi abordada a xilogravura. Esta é uma técnica que utiliza a madeira como matriz. Sobre ela é feito um desenho, um entalhe, utilizando um material cortante para gravar a imagem na madeira. A matriz é o suporte para realização da obra de arte. Assim, aplica-se tinta na superfície desta matriz, colocando um papel sobre a mesma. Ao aplicar pressão (com uma prensa ou uma colher de pau) sobre essa folha, a imagem é transferida para o papel. Nesta folha impressa tudo que estava em relevo ficou colorido, e o que estava entalhado permanece da cor do papel.

Então para que as crianças vivenciassem essa experiência artística foi proposto que elas registrassem por meio de desenhos as suas brincadeiras. Foram realizados desenhos de dinossauros, casas e robôs, percebendo assim um contexto diferente da época do artista. As brincadeiras, assim como todas as atividades das crianças são influenciadas pelo meio exterior: os objetos, outras crianças, e pelos adultos. Além disso, foi interessante observar como os desenhos feitos pelas crianças tiveram uma influência dos desenhos animados, já que eles fazem parte da realidade das crianças

nos dias de hoje.

Assim os desenhos das crianças foram utilizados para a experimentação da técnica em bidimensional, uma forma alternativa, gravura em relevo utilizando o isopor como suporte, uma técnica que também trabalha com a multiplicação de várias cópias de uma imagem que foi gravada/construída em uma matriz. Nessa técnica substituímos a madeira pelo isopor, adaptando os materiais para que as crianças realizassem a técnica com segurança.

Propor a realização da técnica de gravura em relevo, usando o isopor, foi pensando em proporcionar novidades para as crianças, diferente da pintura, da colagem que elas já conheciam. Para estimular a criança a produzir.

Figura 3 - Desenho das Brincadeiras

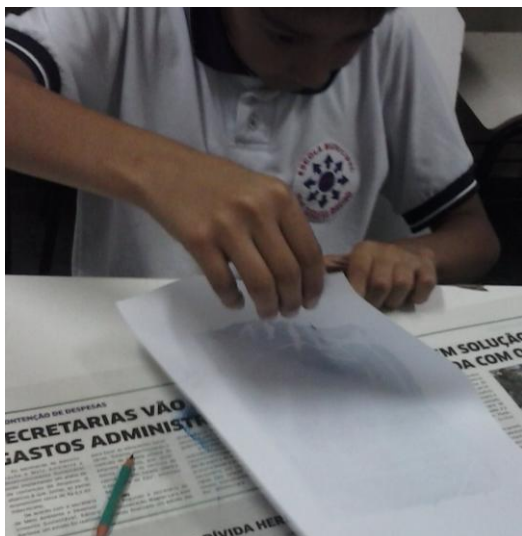


Aluna – 8 anos

Figura 4 - Desenvolvimento atividade



Figura 5 - Realização da técnica



Aluno - 7 anos

Figura 6 - Gravura em Relevo



Autora: Sara

Figura 7 - O Barco



Autor: Gabriel

Figura 8 - Desenho Animado



Autor: Hiago

Figura 9 - A cópia



O trabalho realizado com os alunos, proporcionou a experiência do fazer artístico, estimulando-os a partir dos sentimentos e de suas vivências, acrescentando conhecimento e desenvolvendo o indivíduo.

3.3. Do bidimensional para o tridimensional

Arte tridimensional pode ser definida como a arte de representar uma imagem em três dimensões, tais como: comprimento, largura e altura.

É importante a criança perceber que, o que vemos a nossa frente não é só imagens planas, comprimento e largura, mas um espaço físico, com largura, altura e profundidade, um mundo tridimensional. Segundo Miranda a criança surda aprende a partir do concreto, quando ela pode ver, pegar. Ela procura explorar tudo aquilo que está a sua volta.

Partindo dessa ideia, com o objetivo de a criança aprender outras formas de expressão artística e experimentar representações em três dimensões, o tridimensional, foi proposto a partir do desenvolvimento com a modelagem, uma forma bastante sensorial, permitindo a criança a explorar outros materiais como: a massa de modelar. Assim, descobrindo formas, cores, texturas, explorando sua criatividade, elas foram orientadas a registrar as brincadeiras novamente. Mas dessa vez, em alto relevo com massa de modelar, com o objetivo de aprimorar os conhecimentos em arte e compreender que, na arte podemos representar pensamentos e ideias de forma bidimensional ou tridimensional.

Primeiro passo foi dividir o material ao meio para facilitar o manuseio, depois esculpir as brincadeiras. Pequenos pedaços de massinhas eram modelados, agrupados um ao outro para construir as representações das brincadeiras de infância. Vivenciando de forma tridimensional a expressão artística.

A Criança ouvinte pode ter mais oportunidade de informações, pois, escuta uma conversa mesmo quando essa conversa não é direcionada a ela, diferente da criança surda, por não conseguir ouvir as conversas que não são direcionadas a elas, tem mais dificuldades em perceber o que acontece em sua volta, causando uma reflexão

mais lenta. A junção de realizar as técnicas: bidimensional e a tridimensional no mesmo contexto contribuíram para o desenvolvimento do estudo de caso. De forma que as crianças puderam experimentar criações tridimensionais, percebendo volumes, formas, texturas e profundidade, pois estes conceitos elas não encontraram nos desenhos que elas realizaram, nem na realização da técnica de gravura em relevo. Sendo assim a junção das técnicas permitiram as crianças surdas uma reflexão, tal como a observação entre a diferença da arte bidimensional e a tridimensional.

As crianças descobriram na arte uma forma de propor novas experimentações, composições, construções e também diferentes formas de olhar para a realidade.

Sabemos que as Artes Visuais é uma área que envolve um universo de várias formas de expressão como pintura, desenho, gravura, fotografia e muitas outras. Qualquer uma dessas expressões contribui para o conhecimento dos elementos visuais tais como: a forma, a cor, o espaço bidimensional e tridimensional, o equilíbrio e outros elementos no fazer artístico.

Figura 10 - Processo Tridimensional



Figura 11 Arte tridimensional



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fazer artístico da criança com deficiência auditiva no contexto escolar é muito importante, para aprimorar o seu conhecimento em arte. O fazer artístico levou as crianças a se expressarem, sem palavras, mas com significados, que me permitiu entendê-las

Durante o desenvolvimento do estudo de caso foi possível perceber o interesse dos alunos com relação as obras de artes do artista Cândido Portinari. A contextualização das brincadeiras de infâncias nas obras do artista proporcionou para as crianças surdas, o entendimento que as brincadeiras modificam com o tempo.

As aulas preparadas para as crianças surdas alcançaram objetivo proposto, pois as crianças adquiriram conhecimento em arte. Experimentaram e realizaram novas técnicas. A experiência com a gravura em relevo, técnica alternativa da xilogravura, foi uma novidade. O processo da xilogravura foi divertido, especialmente em relação a ver o mesmo desenho ser reproduzido em mais de uma cópia.

Enfim, pesquisar sobre o tema foi muito importante, em meu estudo de caso concluiu-se que a criança surda tem as mesmas condições de desenvolver a aprendizagem assim como a criança ouvinte. Pois, a mesma metodologia usada para ensinar a criança ouvinte foi pensada para alcançar a criança surda, mas com algumas alterações: um tempo maior para realização das tarefas, já que a criança surda precisa de mais atenção. As crianças surdas foram estimuladas de maneira lúdica e a proposta de trabalho foi bem contextualizada com estímulos visuais. Nota-se que a presença da intérprete de LIBRAS foi fundamental uma vez que nesse projeto o intérprete e o professor foram mediadores do conhecimento e responsáveis por promoverem uma comunicação para que a criança surda fosse capaz de aprender, interagir e se desenvolver dentro do contexto educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima. **Inclusão**: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

AMARO, Deigles Giacomell. **Educação inclusiva, aprendizagem e cotidiano escolar**. 1ª ed. São Paulo: Editora e Gráfica LTDAC, 2006.

BUORO, Anamalia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais** – Disponível em portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf Acesso em: outubro 2015.

FERRAZ, Maria Heloísa Correa de Toledo e FUSARI, Maria Felisminda de Resende e. **Arte na educação escolar**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte**. Porto Alegre, Artmed, 2003.

LIMA, Alessandra das Graças Braga. **Arqueiro** – Instituto Nacional de Educação de Surdos. nº 10/11 Rio de Janeiro: ines, 2005.

MONTOAM, Maria Teresa Eglér e PRIETO, Rosangela Gavioli. **Inclusão escola**: pontos e contra pontos. São Paulo: Summs, 2006

TRZMIELINA, Nadine e BONITO, Ângelo. **Crianças famosas**: Portinari. São Paulo: Callis, 1997

PITER, Miller. **Educação inclusiva**: contexto sociais. Porto Alegre: Arned, 2003.

READ, Herbert. **Educação pela Arte**: São Paulo: Martins Fontes, 2001

REILY, Lucia. **O ensino de arte visuais na escola no contexto de inclusão** – Disponível em <<http://www.caedes.unicamp.br>> Acesso em: janeiro 2010.

MIRANDA, Zélia. **Ouçã a vida**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1984

ANEXOS

PLANO DE AULA

Tema

Brincadeira de infância

Público Alvo

Escola Municipal Raul Saraiva Ribeiro

Ensino fundamental 1 - alunos entre 6,7, e 8 anos (turma com 6 alunos)

Disciplina: Arte

Carga horária: 3h e 40min

Ano: 2016

Professora: Maria Lourdes dos Santos

Interprete: Juliana Carolina de Melo Carvalho

Justificativa:

Conhecer a história da vida do artista Candido Portinari é muito importante para entender as suas obras de artes. Em suas telas o artista retrata vários temas e entre eles as lembranças de sua infância, simples, mas muito feliz.

Essa contextualização da vida e obras do artista desperta o interesse na criança e proporciona o gosto pela realização do trabalho artístico.

A criança desenvolve o seu processo de criação, a partir da sua vivência, das brincadeiras do dia a dia.

Esse plano de aula propõe desenvolver um trabalho de arte abordando as obras do artista Portinari, com propósito de proporcionar aos alunos uma atividade para adquirir conhecimento de forma lúdica.

Objetivo geral

Levar os alunos com deficiência auditiva a ter um contato com a arte de forma lúdica e prazerosa, através das obras do artista Candido Portinari e produzir um trabalho artístico a gravura em relevo, utilizando o isopor como técnica alternativa da gravura

Objetivos específicos

- Estudar sobre vida e obra de artista Candido Portinari;
- Desenvolver um trabalho artístico abordando o tema brincadeiras de infância, retratado nas obras de Candido Portinari.
- Despertar o interesse das crianças em aprender algumas técnicas artísticas;
- Promover entre as crianças a exploração, reflexão e a vivência de brincadeiras como tema e meio de aprender conteúdos artísticos, como:

Desenvolvimento

Aula 1: Tempo previsto: 1h e 40 minutos

No primeiro momento: junto com a intérprete de LIBRAS, levar as crianças a conhecerem a história do artista Candido Portinari, através do livro: Crianças famosas – Portinari, da autora Nadine Trzmielina.

Mostrar as imagens das obras de Portinari, para as crianças surdas visualizarem as imagens favorece para entender a história e relacionar o contexto com as obras de artes.

Com a ajuda de a intérprete conversar com as crianças, para que elas comentem quais são as brincadeiras que elas mais gostam. Deixar que elas façam os registros desenhando em uma folha de papel.

No segundo momento: realização da gravura em relevo utilizado o isopor, uma técnica alternativa da gravura. O aluno faz o desenho usando como o suporte o isopor. Para a criança é interessante e divertido perceber que o seu desenho foi reproduzido em várias cópias. Concluído a realização da técnica, deixar as crianças observarem os trabalhos dos colegas, pois os trabalhos servem de estímulo para os outros, assim a observação contribuirá para a vivência das crianças.

Aula 2: Tempo previsto: 1h e 40 minutos

Na segunda aula a representação das brincadeiras será a partir dos registros dos desenhos da aula anterior; a criança surda desenvolve melhor a sua criação quando ela pode ver e fazer. Dessa forma os alunos deverão construir as brincadeiras dentro de um contexto: na rua, em casa, no parque. Cada aluno deverá escolher uma brincadeira, produzir de forma tridimensional usando massinha para fazer suas esculturas.

Depois os alunos deverão juntar todas as esculturas e criar um cenário para colocar todas as brincadeiras confeccionadas por eles. A ideia de criar um único cenário com todas as brincadeiras é para desenvolver uma atividade de grupo, com o propósito de enriquecer e estimular o trabalho do outro. O brincar é um momento de se expressar e de realização. Essas atividades desenvolvem a criatividade permitem que a criança adquira conhecimento em de forma lúdica e prazerosa.

Os trabalhos realizados pelos alunos serão montados e fotografados para o portfólio da escola.

Avaliação

Os alunos serão avaliados durante todo o processo, não só no final, mas no progresso por eles apresentado.

Referências Bibliográficas

Cândido Portinari - **Vida e obras do pintor** - Estudo Prático Disponível em: <http://www.estudopratico.com.br/biografia-de-candido-portinari> Acesso em 25 nov. 2015.

TRZMIELINA, Nadine. **Portinari** - coleção: Crianças famosas. 2ª ed. São Paulo, Callis Editora, 2009.